



SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

DIRECTOR  
AUGUSTO**O SEculo**[ SANTA  
RITA ]**CASTIGO SALVADOR**

POR ARGENTINITA

**A** pequenina Nitinha,  
Muito viva e graciosa,  
O grande defeito tinha,  
De ser assás preguiçosa.

Logo pela manhãzinha,  
O Sol, com seu raiozinho,  
Beijava a fronte à Nitinha,  
Segredando com carinho:



Dias inteiros levava  
A correr, brincar, saltar...  
Nos livros nunca pegava;  
Não gostava de estudar!

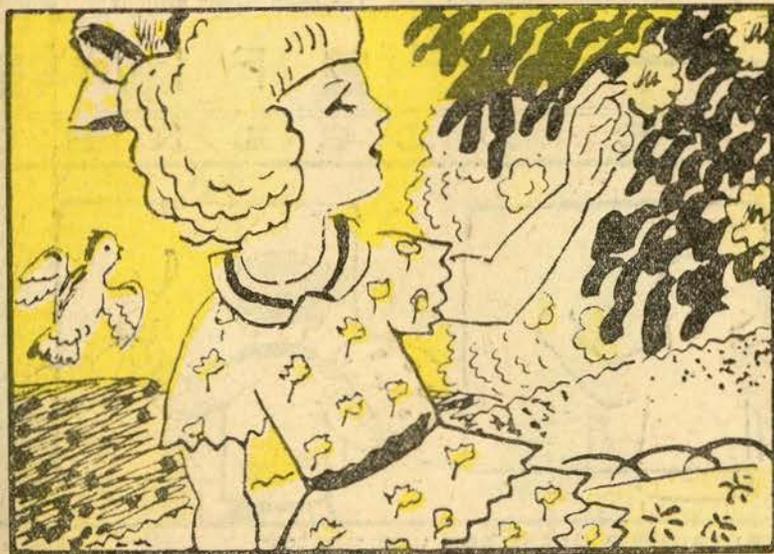
— «Estuda, se queres ser  
Feliz e ditosa em tudo,  
Porque os Grandes de saber  
Só venceram pelo estudo!» —

E procurava, também,  
Fazer-lhe compreender,  
Na vida, o valor que tem  
O trabalho e o saber!

Pois, a-pesar-de já ter  
Oito anos, não sabia  
Escrever, contar e ler;  
Nem soletrar conseguia.

A mamã, que só vivia  
Para a filha, neste mundo,  
Por a ver assim, sofria  
Um desgosto bem profundo.

Conselhos, ralhos da Mãi,  
Que o mais puro amor ditava,  
Tudo era inútil; porém,  
A Nita não se emendava.



Mas a mamã (sem canseira  
Antes com jeito e carinho)  
Ruminava na maneira  
De a trazer ao bom caminho.

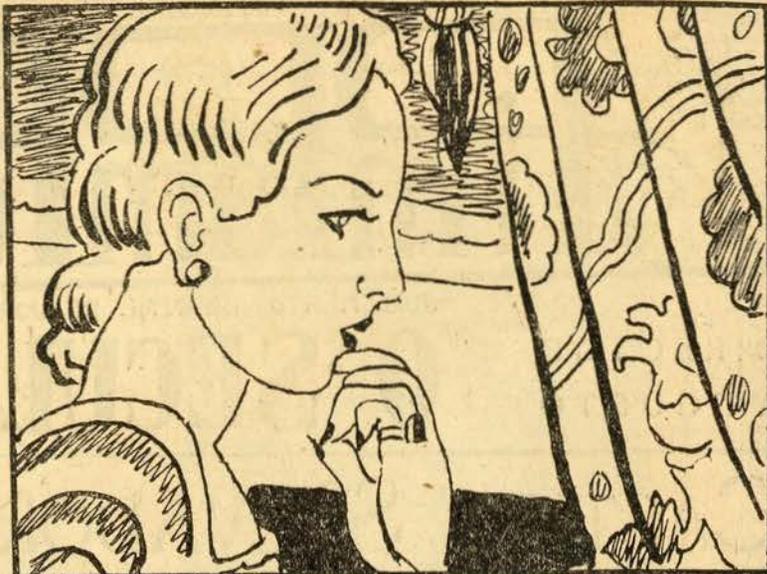
E, tanto, tanto pensou  
Em a filha castigar,  
Que, sem tardar, encontrou  
Um castiguinho exemplar:

Como a garota adorava  
Ternamente o «Pim-Pam-Pum»,  
E de alegria exultava  
Quando ouvia ler algum...

Resolveu não lhe ler mais  
Os contos que nele vem,  
E nem protestos, nem ais  
Demoveram sua Mãi!...

Ora o Anão Sabichão,  
Dos meninos tão amigo,  
Mas que a tôda a má acção  
Dá o devido castigo,

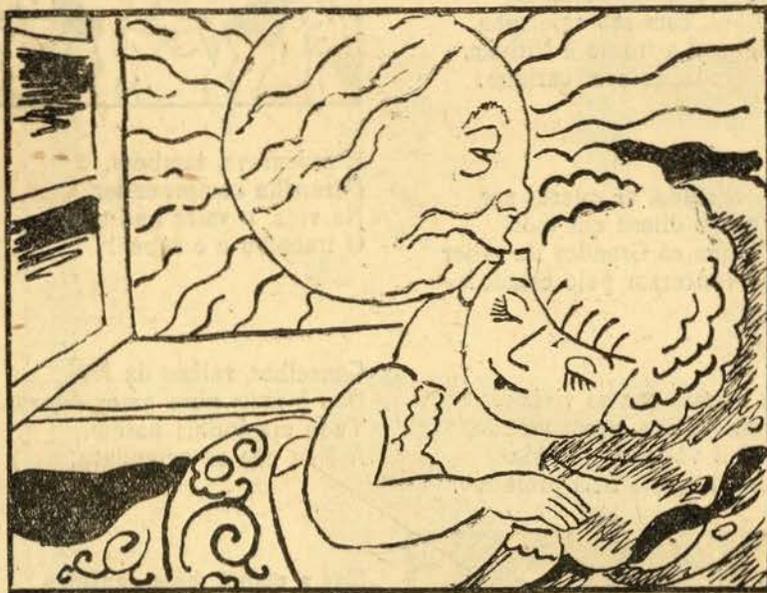
(Como éle tudo adivinha)  
Pensou logo em ajudar  
No castigo que à Nitinha  
A mamã resolveu dar.



No «Pim-Pam-Pum», o jornal  
Que educa e brinca por vezes,  
Que' é o Orgão Oficial  
Dos meninos portugueses,

Proíbiu que tudo lessem  
(Proibição a valer!...)  
Aos meninos que estivessem  
Em idade de o saber,

E, entre os seus ralhos amigos,  
Demonstrou — (e muito bem!) —  
Os dissabores e os p'rigos  
Que da preguiça provém,



Logo êsse belo sermão  
A mãizinha à Nita leu,  
Que, entre lágrimas, então,  
Emendar-se prometeu!

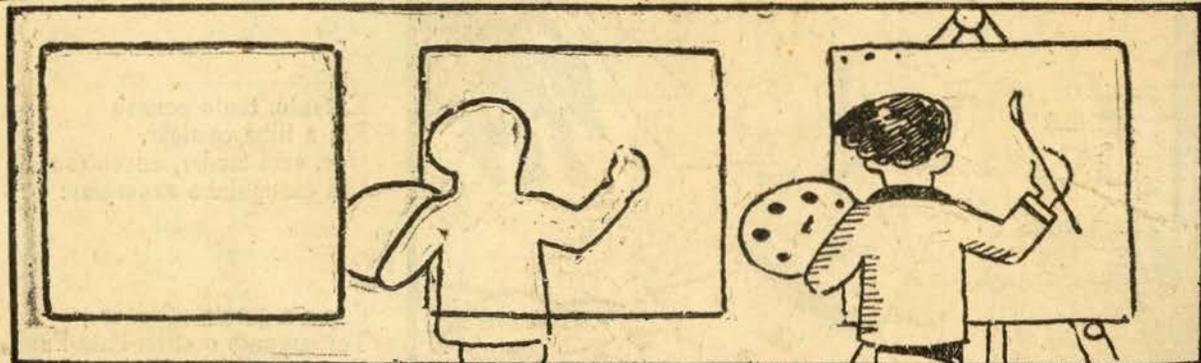
Hoje estuda com amor,  
E' briosa, é muito boa,  
E o castigo salvador  
Mil vezes ela abençoa!...

.....

Que ao bom Anão Sabichão  
Deus premeie a sua acção,  
Por tanto e tanto ajudar  
As mãis, na nobre missão  
De seus filhos educar!...

■ F I M ■

## L I C A O D E D E S E N H O



Como se aprende a desenhar um pintor

# CADA QUAL no seu LUGAR

Por ANTONIO GONÇALVES

**N**UM quintalejo, morava a D. Galinha, o mestre Galo e a filharada, seis pintainhos que eram os encantos dos pais.

Nas capoeiras vizinhas, moravam: um casal de coelhos, outro de patos com três filhos, e uma rola que entrava e saía da casinha, sem nunca se afastar do quintal.

Mais longe, na residência dos donos, vivia o «Tigre», um gatarrão gorducho e sonolento que vinha, de vez em quando, dormir ao sol no quintal, perto das galinhas.

Uma tarde dormitava o «Tigre» junto à rede da capoeira, quando lhe pareceu ouvir:

Có-có-ró-có!  
Bichaninho dorminhoco,  
Vens aqui fazer ó-ó?  
Dorme, dorme bichaninho  
Que o rato, daqui a pouco,  
Sairá do buraquinho.

O «Tigre» abriu um olho, depois o outro, para ver se sonhava ou se era verdade o que ouvia... E logo chegou do outro lado, da banda dos patinhos, um rumor, que parecia dizer-lhe respeito.

Prestou atenção, olhou para o lado de onde



vinha o rumor e viu os Patos com os filhinhos a rirem, muito satisfeitos e o Pato-pai a dizer:

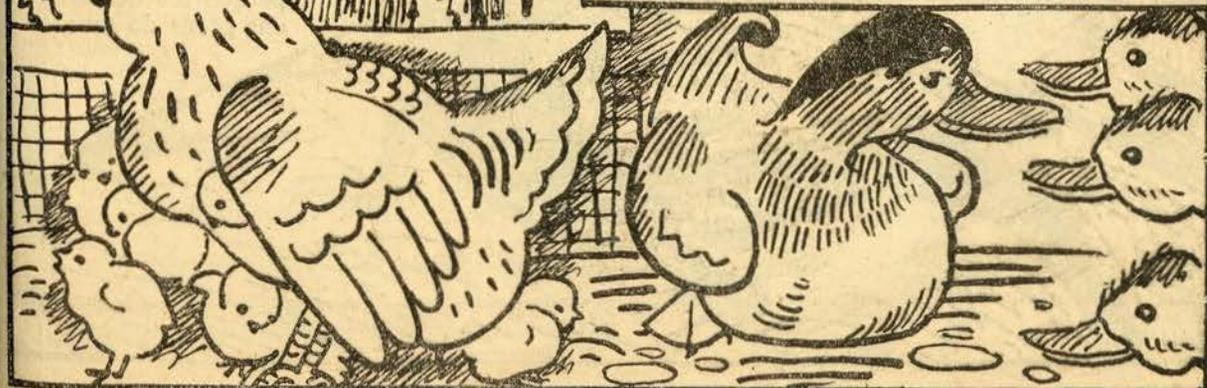
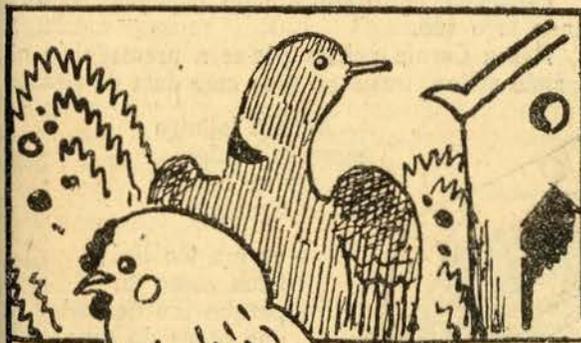
Cuá-Cuá-Cuá!  
Como esta outra não há,  
Esse «Tigre», fanfarrão,  
Não vai caçar o ratinho,  
Tem fama de gatarrão  
E não passa de gatinho...

Mas o «Tigre» fez de conta que não ouviu a troça do Patinho-pai e continuou enroscado, pensando lá para consigo:

— Pois sim; tudo isso é inveja por me verem aqui e não reparam, sequer, que nada fazem que tenha utilidade...

Porém, não teve tempo de pensar mais nada, porque lá de cima das capoeiras, onde era a casi-

(Continua na página 6)



# A LAGARTIXA RABICHA

POR ANÃO SABICHÃO

**A** INDA eu estava recolhido no meu bogalhinho, já, lá fóra, na bicha dos bichos, os bicharocos, desaforados, gritavam;

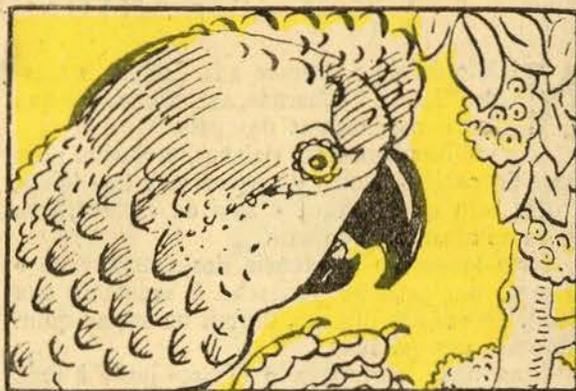
— Dona Rabicha ficou sem rabo, que remexia como o diabo! —

Mandei, então, a Coruja velha piar:

— Será a dama Rabicha, essa digna lagartixa que hoje fará o discurso — neste importante concurso. Já que a pobre desgraçada ficou assim aleijada, tem direito a sér ouvida, a falar da sua vida. —

O temível Corujão e os filhos corujinhos fãmpião e iam bicando:

— Nossos bicos afiados vos farão em mil bocados, se vocês, seus malcriados, não se ficam mui calados! —



Sem a sua vivacidade costumada, a lagartixa Rabicha avançou, cheia de ligaduras.

— Eu, que sou tão espirituosa e viva, sinto-me pouco à vontade... — dizia ela, mal ousando levantar os olhos para mim.

— Como te sucedeu semelhante desastre? — indaguei eu.

— Foram os pés dum papão gigante, neto do hortelão, que me partiu o rabo em dois. — respondeu, tôda chorosa.

— Pé de gigante, pé de papão, partiu-o em dois, de encontro ao chão! —

Papageou um desáustinado papagáio, levantando logo vôo.

Mas a Coruja polícia pôs-se a pressegui-lo e, quando voltou, trazia no bico uma data de penas.

— Aquele inimigo merecia castigo! Escuso de falar, de papaguear,

se era tão lirú; ficou como tu, porque lhe dei cabo das penas do rabo! —





Disse, dirigindo-se à lagartixa.  
O caso fez emudecer, de medo, os bichos irrequietos.

E a Rabicha continuou a sua história:

— Estava eu, — disse ela, — à beira dum carreiro, a tomar o meu banho de sol... Nisto, vieram uns pés a correr com muita pressa!... Nem me deram tempo para me esgueirar! Quando dei por mim, o meu rabinho rabiava, como uma enguia, julgo que de desgosto por ter ficado, assim, separado do corpo. Desde esta grande fatalidade, sou muito infeliz!

Quando penso que nunca mais poderei dar ao rabinho, — o que eu fazia com uma tal elegância! — gemeu a chorosa Rabicha.

— A tua pouca experiência da vida, é que eu admiro! Descansa e não sejas tão assustadiça! Pela minha vida adiante, tenho presenciado, na tua família, vários casos semelhantes! O desastre não é irremediável, como julgas! —

— Que me dizes, amigo Anão? — exclamou ela tôda esperançada.

— A verdade! Duma sei eu, que é a tua tia Remexida, que, quando era nova, esmigalhou o rabinho debaixo dum pedregulho, e, daí a tempos, cresceu-lhe outro, mais brilhante e azougado que o primeiro! Com êsse tem passado parte da vida e fez um bom casamento, porque ainda ficou mais elegante!

Os olhinhos de Dona Rabicha brilharam de satisfação.

— Dás-me, então, esperança de que voltarei a ter um rabinho, às voltas e reviravoltas, como o meu defunto?

— Certamente! Certamente!

— Custa-me ficar com esta fama de ignorância...! — comentou a lagartixa, bastante envergonhada.

— Nêsse caso, não te vás, sem mostrares qualquer sabedoria!

Que sabes tu que possa interessar os leitorzinhos do «Pim-Pam-Pum?»

— Posso dizer-lhes, por exemplo, que as lagartixas, mais os lagartos e lagartinhos, são animais úteis e não temíveis! Têm-nos na conta de peçonhentos. Isso não é verdade! Só os grandes lagartos é que mordem, mas não têm peçonha. Vivemos nos taludes ou entre rochas; ali cavamos galerias, em lugares com muito sol. Nessas tocas nos conservamos adormecidos todo o inverno.

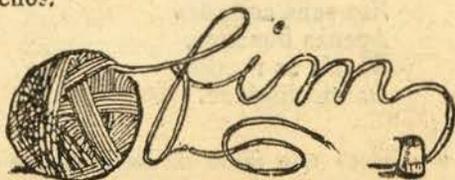
E disse que somos úteis, porque papamos grande quantidade de insectos, vermes e moluscos. E agora, amigo Anão, peço-lhe desculpa de o ter incomodado e muito agradecida lhe fico.



— Olha lá, quando te nascer o novo rabinho, vem fazer-me uma visita. Sempre gostava de saber se virá cinzento, se verde.

— Quem dera que fôsse verde! O verde está na moda! E fica-me tão bem ao parecer!

E com esta se foi a lagartixa Rabicha, esgueirando-se, rapidamente, entre a bicharia da bicha dos bichos.



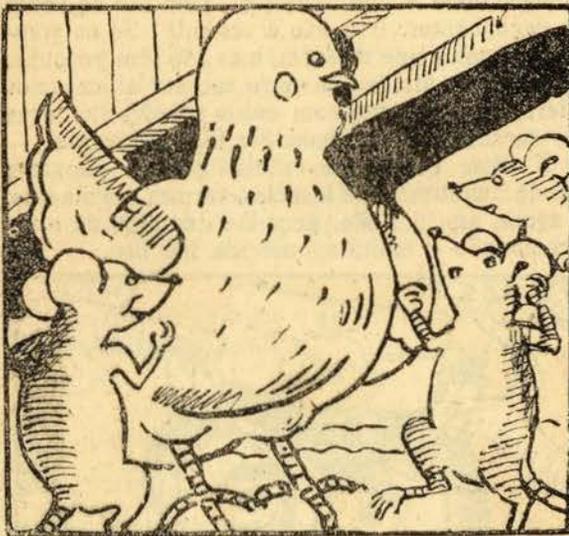
# CADA QUAL no seu LUGAR (Continuado da página 3)

nha da rolinha, também partiu um gracejo, que vexou a dignidade do «Tigre».

Era a menina rola, empoleirada lá no alto, que olhava, de cabecinha ao lado, o gato a dormir cá em baixo, e lhe dizia:

Põe-te na rua!  
Daqui para fóra,  
Põe-te na rua!  
Pois a esta hora,  
Na casa que é tua,  
Andam ladrõezinhos  
Que são os ratinhos,  
Brincando, cá fóra!

Então o «Tigre» levantou-se, olhou para os que



lhe dirigiam os gracejos, a começou à descompostura:

Oh! D. Galinha,  
E's bem a vizinha  
Da bisbilhotice,  
Quem foi que te disse  
Que eu, estando a dormir,  
Já deixo sair  
Do seu buraquinho  
O mestre ratinho?  
E tu, ó Patinho;  
Tens tanto filhinho  
Que te dê cuidado;  
Em vez de lhes dar  
Exemplos, lições,  
Que possam criar  
Nos seus corações  
Apenas bondade,  
Só dás as noções  
Da incivilidade.

E o «Tigre» não falou da Rolinha que continuava a olhar para ele, toda senhora do seu bi-

quinho, porque o Gato se não atrevera a olhar para ela.

Então, dispôs-se a continuar com o gracejo — «Põe-te na rua» — quando o Gato subiu para um muro e dali lhe falou:

Menina Rolinha,  
Vai lá p'rá casinha  
E trata de ti,  
Que és muito tolinha  
E tolas, rolinha,  
não faltam aí:  
E's tu, a Galinha  
E a D. Patinha.

Depois, de cima da sua tribuna, convidou a Galinha a tomar o seu lugar, na cozinha, para ver se conseguia caçar o ratinho:

— Vamos trocar, D. Galinha: Eu ficarei aí na capoeira, comendo e dormindo, sossegadamente, e tu irás para o meu lugar, sempre com a preocupação de apanhares o mestre roedor, que salta à dispensa e rõe a madeira e acorda o meu dono.

E assim fizeram, porque a Galinha preferia a liberdade do Gato, à sua prisão na capoeira.

O pior foi que, quando a noitinha chegou, os pintaínhos precisavam do calor tão confortável da asa materna e o Gato desejava dormir em sossêgo.

Assim, os pintaínhos levaram a noite a piar, com saudades da mǎizinha e não deixaram dormir a vizinhança.

Em compensação, na cozinha, três ratinhos dansavam em volta da Galinha e cantarolavam, dizendo ao novo guarda:

Que graça que tem,  
Que capa tão fina  
E pés só tem dois,  
Não pode correr,  
Já estamos tão bem  
Com esta menina...  
Dansaremos, pois,  
Que dentes não tem,  
Não pode morder.

E continuaram na grande brincadeira, puxando às vezes pelas penas da Galinha, que acordava estremunhada e ficava muito amedrontada com os ratinhos, desejando ardentemente que chegasse a manhã, para passar à sua capoeira.

No dia seguinte, o Gato e a Galinha, voltaram aos seus lugares, sem, sequer, olhar um para o outro, tal a troça que haviam sofrido.

Todos riram quando o Gato saíu da capoeira e viram chegar a Galinha, já com falta de penas, a correr para os pintaínhos que ficaram muito contentes.

Então, o Patinho-pai, depois de tomar o banhi-

# O CESTINHO da COSTURA

Ora aqui têm vocês um trabalho que, além de bonito, é bastante útil.

Esta barrinha, tão simples, apenas feita em ponto pé de flôr, está, com certeza, ao alcance da ciência de tôdas as minhas abelhinhas.

Que verdadeiro motivo de alegria poderem abrir a vossa gaveta da roupa e dizerem: «Esta camizinha fiz eu!»

E que encanto ver sair êsses trabalhos das vossas próprias mãos!

E a alegria da mãizinha ao ver, assim, uma filha tão habilidosa?

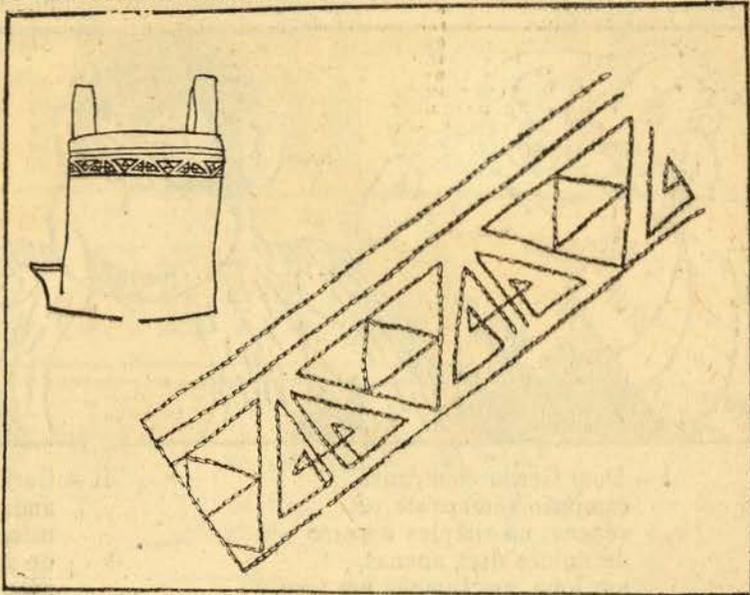
Creio bem, tôdas sentirão a tentação de fazer esta linda camizinha, bordando-a com *filoselle* de algodão C. M. S., da côr que mais lhes agradar.

Além disso, esta barrinha vai ser de grande utilidade; podereis, também, applicá-la noutras peças de roupa e até ficará muito bem num bibe, num fato, etc.

Mas, por agora, vamos deitar mãos a esta obra, sim?

Vossa

ABELHA MESTRA



## CONCURSOS CHARADISTICOS

SECÇÃO RECREATIVA

NOTA:—Tôda a correspondência referente a esta secção deve ser endereçada a *Américo Taborã (Rei do Sêbo)* — «Pim-Pam-Pum!» — Rua do Século, 43 — LISBOA.

### OUTRAS VOTAÇÕES

N.º 1, de «Lilicas», 3 votos; n.º 3, 2; n.º 6, 2; n.º 5, 1.

### QUADRO DE MÉRITO

Fernando R. Cunha, Zé Gaspar, 5 — Alfredo Mates, Um decifrador, 4 — Zé Bomba, 3.

### Decifrações do n.º 11

1—*Diogo-digo*; 2—(ANULADA); 3—*Valente-vate*; 4—ALFAMA; 5—*Soalho*; 6—*Anis-sina*; 7—*Madeira*.

### Decifradores

### QUADRO DE HONRA

Anjocarfes, António Freire, Arievilto, Barba Azul, Chalel d'Ossos, Dália de Jesus. Dois Manos, Fernandoso, Lilicas, Noémia, Tono, Zé Guinoro, Zeuzinho.  
(Decifraram 6—Totalidade)

### Correio

*António Freire Capelo*. — Se não foi classificado nos números que indica, é porque as listas de decifrações não chegaram às nossas mãos. Como me fala sobre a votação, sou a dizer-lhe que, em cada lista, qualquer decifrador só pode votar em uma charada, concedendo-lhe um voto, unicamente. Nenhum concorrente pode votar em qualquer que seja de sua autoria.  
*Joelra*. — Registamos com muito gosto a sua adesão aos concursos.

### Produtores

### QUADRO DE DISTINÇÃO

N.º 4—*I. ATIRBAC*—5 votos  
N.º 2—(Anulada)—4 votos

nho do costume, sacudiu a água e dirigiu-se ao Gato:

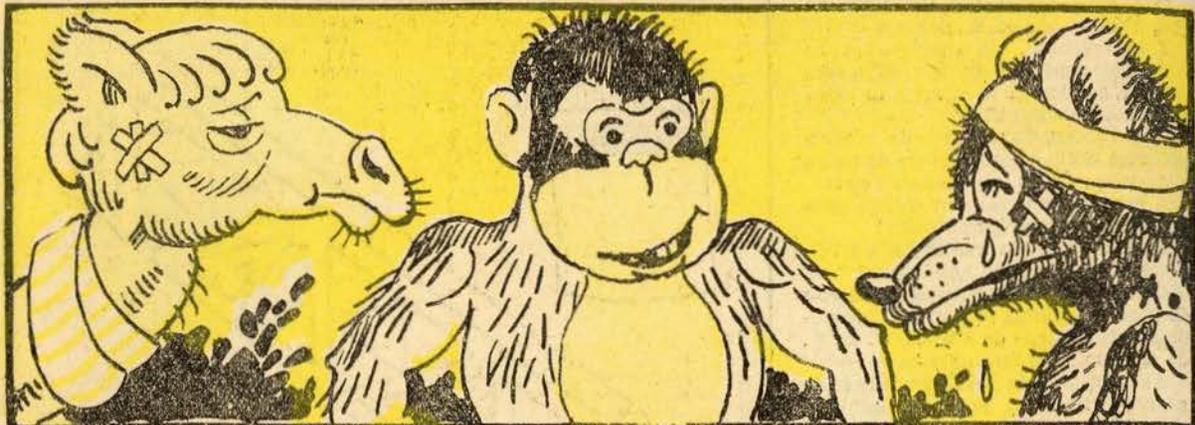
—«Tigre» amigo: Eu bem dizia que o teu lugar não era aqui.

Julgaste que eu estava a dar lição de má educação aos meus filhos, mas vê que eu estive, apenas, com o teu exemplo, a mostrar-lhes que é necessário que cada um saiba onde é o seu lugar;

o teu é na cozinha e não nas capoeiras, onde tu julgas que deves viver.

Ninguém é o que quer' ser  
E nunca pode escolher.  
O que o destino traçar,  
A Natureza não erra  
E quem nasce, tem na terra  
Destinado o seu lugar.

# O CAMPIÃO GORILA E JOÃO RATÃO



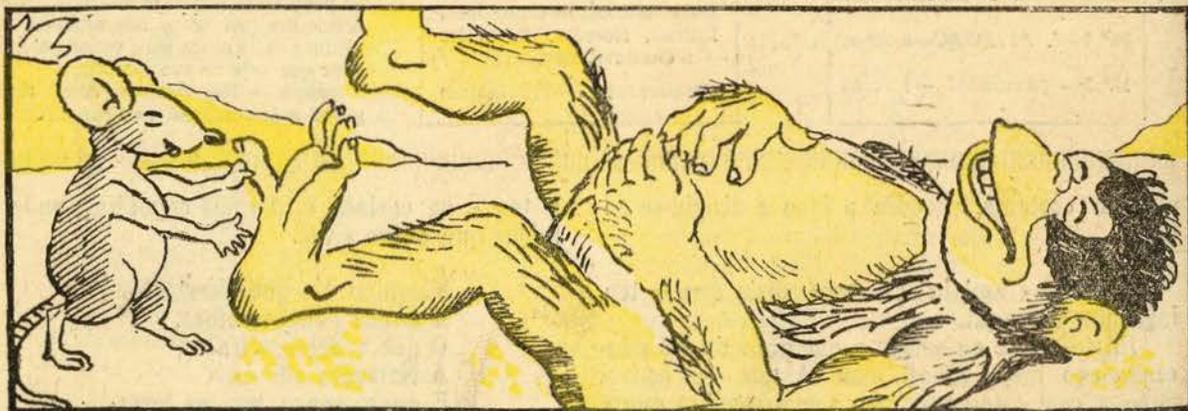
I — Dom Gorila chimpanzé,  
campeão sempre de pé,  
venceu, no simples decurso  
de quinze dias, apenas,  
um lobo, um camelo, um urso,  
um tigre e duas hienas.

II — Gorila, por tal razão,  
andava, com presunção,  
ostentando a sua, fôrça,  
de atitude enfatuada,  
ante o veado, ante a corça  
e a restante bicharada.



III — Mas um dia o nosso heroi  
encontrou João Ratão  
que no seu enalço foi  
e troçou do campeão.

IV — Ante o arrogante ratinho,  
o orgulhoso chimpanzé,  
afastando-o do caminho,  
pespegou-lhe um pontapé.



V — Entretanto: — «zás-trás-pás...»  
logo ao nosso chimpanzé  
Ratão cócegas lhe faz  
mesmo na planta do pé.

VI — E nada mais foi preciso  
para o desclassificar.  
Pois, num ataque de riso,  
o Ratão fê-lo tombar.